



“Não somos racistas”: uma contrarreacção calcada em “A negativa” freudiana

“We are not racists”: a counter-reaction based on the Freudian “Negative”

Mariana Leal de Barros

Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo e em Sociologia e Antropologia pela Université Lumière, pesquisadora de pós-doutorado em Antropologia na Universidade de São Paulo, São Paulo, SP - Brasil, e-mail: marileabarro@yahoo.com.br

Recebido: 09/08/2012
Received: 08/09/2012

Aprovado: 14/12/2012
Approved: 12/14/2012

Resumo

O título da obra *Não somos racistas*, de autoria do jornalista Ali Kamel, é o subsídio eleito para discutir o texto “A negativa” (1925), no qual Freud sintetiza grande parte de sua obra a respeito do enunciado efetivamente dito e ouvido pelo inconsciente. Argumentando que a negativa pode ser compreendida por “isto é algo que eu preferiria reprimir”, Freud nos convida a descartar o “não” do dito. Neste sentido, este artigo se propõe a discutir o texto freudiano para refletir a respeito do título mencionado, que, não obstante pertença a um autor específico, é emblemático de uma voz um tanto quanto coletiva. Vemos que aquele que tem culpa, nega e se justifica, se “des-culpa”, prestando-se, inclusive, a elaborar uma tese que o exime da responsabilidade do feito. A análise se articula também com a perspectiva lacaniana, mas se baseia, sobretudo, no texto freudiano “A negativa”, para refletir sobre a capacidade do sujeito de assimilar ou expulsar o insuportável e a sua reação diante do “estranho”.

Palavras-chave: Psicanálise. Racismo. Negação. Preconceito. Recalque.

Abstract

The title of journalist Ali Kamel's work “We are not racists” was selected as the support to discuss the text “The Negative” (1925), in which Freud synthesizes most of his work about the statement that is actually said and what the unconscious hears. Arguing that the negative can be understood as “this is something I would rather repress”, Freud invites us to discard the “no” from what is said. In this sense, this paper intends to discuss the Freudian text in order to reflect about the title mentioned which, although it belongs to one author, is emblematic of a rather collective voice.

Keywords: Psychoanalysis. Racism. Denial. Prejudice. Repression.

Introdução¹

Ali Kamel, jornalista global de atuação controversa e autor do livro *Não somos racistas*² parece não conhecer a tese freudiana d' "A negativa" ou teria ao menos hesitado na opção por este título. É possível observar, inclusive, que a escolha gráfica para a capa do livro é igualmente lastimável: o "não" é escrito em vermelho e o enunciado "somos racistas" foi formatado com um "preto no branco" de destaque. Acrescenta-se, ainda, que a palavra "racistas" é redigida em fonte maior do que as outras, de maneira que o dito que salta aos olhos em primeiro lugar é "somos racistas".

É preciso dizer, no entanto, que apesar de tentador, o objetivo deste trabalho não é centrado exclusivamente na reflexão desta desastrosa escolha, nem mesmo no conteúdo da obra do autor. O título do livro do jornalista é apenas o subsídio eleito para discutir a proposta teórica freudiana formulada n' "A negativa" (Freud, 1925/2006), e não mais que isso.

Desde os seus clássicos casos de histeria, Freud percebera que as lacunas dos discursos eram mais interessantes do que se imaginava, o que o incitava alçar voos para além do que as próprias pacientes sabiam (Freud, 1895/2006). As histéricas, "l'enfant magnifique de la psychanalyse" (Nasio, 1995), o levaram a pensar que existia algo de psíquico e "mal resolvido" que se convertia no corpo em forma de sintoma; de forma que suas dores, que aparentavam orgânicas, foram compreendidas como sintomas de conflitos psíquicos, mais especificamente de ideias recalçadas (Freud, 1893-1895/2006).

No caso dos obsessivos, não é mais o corpo o lugar privilegiado para comportar os sintomas, pois em vez de a ideia recalçada – reprimida, posto que insuportável – ser dirigida a uma parte significativa do corpo, ela é deslocada para outra ideia – "Não posso pensar naquilo, por isso só penso nisso". Tudo se "resolve", assim, no plano psíquico, retirando

a carga de afeto da representação "incompatível" e deslocando para outra(s) representação(ões) (Freud, 1894/2006).

A partir de então, Freud começa a desenvolver a compreensão do aparelho psíquico, que será retomada de forma tão sintética quanto densa no texto "A Negativa". Este trabalho, desenvolvido em 1925, e, portanto, posterior à construção da segunda tópica freudiana, também nos remete aos casos de obsessão, mas, além disso, reflete e alude, sobretudo, às noções de percepção/representação, objetivo/subjetivo e dentro/fora, paridades caras às ciências humanas e previamente destituídas do caráter dicotômico pela teoria freudiana, principalmente se tomamos como base as ideias de princípio de prazer e princípio de realidade, nas quais Freud embasa a argumentação de seu texto.

A negativa ou "a suspensão da repressão"

Freud inicia "A negativa" com o clássico exemplo do paciente que diz durante a sessão "não é a minha mãe", ao que o analista conclui: "é a mãe dele". É preciso ressaltar, no entanto, que o texto apenas sintetiza ideias anteriormente bem exploradas, e cada palavra deste trabalho de quatro páginas carrega outras tantas. Digo isso, pois o processo de negação, ou denegação, como prefere alguns, pode ser percebido claramente em inúmeros outros textos freudianos.

Em "O homem dos ratos" (Freud, 1909/2006), por exemplo, um clássico caso de obsessão analisado por Freud em 1909, é possível perceber claramente como a negação se processa ao passo que o analista se aproxima do núcleo patógeno que deu origem aos sintomas do sujeito.

Tratava-se de um jovem médico, solteiro, que referia sofrer com obsessões desde a infância. Busca por ajuda, pois suas inibições e "impulsos compulsivos" – como a vontade de cortar a garganta – tinham chegado a um grau insuportável. Sua obsessão se associava ao temor de que algo acontecesse com seu pai ou com a sua amada. Em certo momento do tratamento, o jovem anuncia que diria algo sem importância, um pensamento isolado sem qualquer significado, ao que acrescenta que, quando pequeno, por gostar de uma menina, desejou que seu próprio pai morresse, pois se isto acontecesse, a garota sentiria pena e poderia gostar dele. Freud pergunta-lhe

¹ Este texto foi originalmente confeccionado como elaboração de trabalho final no Seminário teórico "O Inconsciente", do curso de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

² O enfoque privilegiado deste trabalho não é apresentar ou debater a obra do jornalista, mas apenas a sua escolha de título. Para resenha e análises do livro, ver Berino (2007) e Miranda-Ribeiro (2006).

se percebia outro momento em que o mesmo pensamento lhe ocorrera. O jovem, assim, cita o fato de que há pouco tempo sentira o mesmo quando, pensando na sua intenção de se casar com sua companheira, ocorreu-lhe que se seu pai morresse, teria dinheiro para tanto. A esta afirmação, somada a tantas outras informações que o paciente lhe dera a respeito de sua história, Freud afirma que o homem sofria por ter desejado matar o pai. Ele negava com veemência, pois considerava o pai a pessoa que mais amava no mundo. Freud, no entanto, responde que "exatamente um amor assim intenso era a pré-condição necessária do ódio reprimido" (Freud, 1909/2006, p. 160).

Outras cenas se seguem e quanto mais o paciente buscava escapar, mais evidente ficava que o que lhe regia era exatamente o contrário do que verbalizava. O processo do tratamento enfrentou uma "resistência constante", até que ele admitiu que tudo começava a lhe parecer plausível.

Diferentemente das histéricas, Freud afirma que os neuróticos obsessivos conseguem se lembrar das cenas traumáticas sem dificuldades, já que estas representações foram "descarregadas" de afeto. Ocorre que o mecanismo de defesa do qual o obsessivo se vale para destituir o trauma de sua catexia afetiva, faz que deposite esta carga afetiva em outra representação, que, aparentemente, não possui ligação com o ocorrido. No caso deste paciente, como o próprio título do trabalho já anuncia, seu pavor se deslocou e fixou-se nos ratos.

A princípio, portanto, os sintomas dos obsessivos parecem completamente sem sentido, mas ao passo que se aproxima justamente das negações e inibições que surgem no seu discurso, o fio de associações tecido começa a se desemaranhar. Acontece que o afeto, como nos sonhos (Freud, 1900/2006), pode ser *deslocado* para um lugar aparentemente sem sentido. A esse respeito, Freud acrescenta:

(...) quando, com grande dificuldade, elucidamos uma ideia obsessiva ininteligível, quase sempre acontece informar-nos o paciente de que exatamente essa noção, desejo, ou tentação, como o que elaboramos, realmente surgiu um momento antes que a ideia obsessiva brotasse, mas não persistiu (Freud, 1909/2006, p. 195).

A ideia obsessiva, aparentemente distante de sua origem, e deformada em sua forma, faz que a

obsessão persista e "cresça", associando-se progressivamente a outras tantas ideias que se ligam a ela. Freud afirma que "os próprios pacientes não conhecem o contexto verbal de suas próprias ideias obsessivas. Isto pode parecer paradoxal, mas é perfeitamente admissível" (1900/2006a, p. 194), acrescentando que também no processo de análise, a doença "ganha coragem" assim como o paciente, de maneira que ela também começa a falar, quer dizer, as obsessões que antes não eram observadas de forma atenta pelo próprio paciente, agora começam a ser pensadas e descritas em detalhes.

Em 1925, retoma a palavra a respeito dos obsessivos afirmando que a função intelectual, nesses casos, está dissociada do processo afetivo, acrescentando que "(...) a negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido" (Freud, 1925/2006, p. 266), e, ao passo que encobre a afirmativa, a negativa é, em si mesma, uma "suspensão da repressão", ainda que não seja uma aceitação do recalado.

Com efeito, o conteúdo ideativo do reprimido não atinge a consciência, de modo que o sujeito pode até aceitar o episódio intelectualmente, ou racionalmente, mas o "essencial à repressão" persiste. Por vezes, diz Freud, o analista consegue vencer a denegação de modo a fazer que o sujeito aceite intelectualmente o que foi recalado, mas o processo repressivo em si não é desfeito; a compreensão intelectual é alcançada, mas não traz consigo sua carga de afeto e, portanto, aquilo que é essencial permanece vigente (Freud, 1925/2006a).

A esse respeito, Freud acrescenta que este processo de aceitar ou negar também se atrela a um processo de "juízo intelectual", pois a maneira como o sujeito percebe o mundo e vivencia as situações depende daquilo que foi recalado. Em outras palavras, ao passo que o sujeito recalca, reprime ou exclui o que lhe é insuportável, estrutura-se de maneira tal que tudo isto se atrela, para ele, à própria constituição da realidade, de sua apreciação do dentro e do fora.

Isto, diz Freud, embasa-se na conjunção entre "princípio de prazer" e "princípio de realidade", os quais, junto ao "princípio de Nirvana", regem a atividade psíquica. Em "O instinto e suas vicissitudes" (Freud, 1915/2006, p. 140-141), Freud afirma que:

Na medida em que os objetos que lhe são apresentados constituem fontes de prazer, ele os toma para

si próprio, os ‘introjeta’ (para empregar o termo de Ferenczi [1909]); e, por outro lado, expõe o que quer que dentro de si mesmo se torne uma causa de desprazer (...). Assim, o ‘ego da realidade’, original, que distinguiu o interno e o externo por meio de um sólido critério objetivo se transforma num ‘ego do prazer’ purificado, que coloca a característica do prazer acima de todas as outras. Para o ego do prazer, o mundo externo está dividido numa parte que é agradável, que ele incorporou a si mesmo, e num remanescente que lhe é estranho. Isolou uma parte do seu próprio eu, que projeta no mundo externo e sente como hostil.

Ou seja, o que é estranho e causa desprazer, o ego rejeitaria, expulsaria para fora; aquilo que é bom e traz prazer, introjetaria; acrescentando que o mundo externo coincide exatamente com aquilo que causa desprazer e sofrimento. Já o princípio de realidade, processo engendrado pelo princípio do prazer, modifica-o na medida em que consegue funcionar como “regulador”, de maneira que o princípio de prazer não busca mais a mais curta via da satisfação, mas efetua desvios para este fim por meio de outros caminhos que se constroem em função do mundo externo (Laplanche, 1967; Pontalis, 2007). Também podemos compreendê-lo como um “teste de realidade” que, de certa maneira, continua a satisfazer o ego:

(...) o pensar tem a capacidade de trazer diante da mente, mais uma vez, algo outrora percebido, reproduzindo-o como representação sem que o objetivo externo³ ainda tenha que estar lá. Portanto, o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade é não encontrar na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas reencontrar tal objeto, convencer-se de que ele está lá (Freud, 1925/2006, p. 267).

A busca pelo prazer, assim, não é orientada pela realidade. Pelo contrário, são justamente as vias deturpadas e regidas pelo princípio de prazer – que não se restringem ao prazer em si – que fazem que o sujeito “julgue a realidade”. Esta última, como afirma J. P. Cléro (2002), não se diferencia do imaginário, pois, para o sujeito, não há diferença.

Além disso, diferente do que se possa pensar, é o desprazer, e não o prazer, que causa a maior excitação; este último, por uma condição econômica, causa diminuição de excitação e, de certa forma, o aparelho psíquico se organiza para equilibrar estas energias. Já em resposta ao evento que causa desprazer, o ego busca evitar ou expulsar, de forma que o recalado não pode vir à consciência porque isto lhe traria desprazer novamente. Ou seja, as resistências do ego têm por objetivo evitar o desprazer que seria produzido pela liberação do reprimido (Freud, 1920/2006). Neste sentido, por meio de um apelo ao princípio de realidade, os esforços do psicanalista seriam dirigidos “no sentido de conseguir a tolerância desse desprazer por um apelo ao princípio de realidade” (Freud, 1920/2006, p. 31), o que só poderia ser processado por meio da transferência. Deste modo, o sujeito poderia reconhecer que aquilo que parecia realidade, era-lhe uma “impressão” própria. A função do princípio de realidade, ou do “teste de realidade”, seria o de averiguar até que ponto o que o sujeito pensa ser objetivo é subjetivo, pois “a reprodução de uma percepção como representação nem sempre é fiel” (Freud, 1925, p. 268). Trata-se de buscar “rever” o traumático, ou aquele afeto, no sentido de torná-lo suportável; ao que Freud articula a ideia de “compulsão à repetição”.

Lacan, por sua vez, acrescenta à tese freudiana a compreensão de que o “além do princípio do prazer” nos oferece a ideia de gozo, que se soma a uma elaboração outra que não se funda na existência de uma “realidade”. O sujeito, assim, é pego mesmo fora de combate, “levando-o a estar sempre num lugar diferente de lá onde se corre o risco e a deixar ali apenas uma sombra de si mesmo” (Lacan, 1957/1998a, p. 454).

Mesmo Freud, mais adiante, em “A negativa”, revê o afirmado anteriormente e acrescenta que é a partir do que é capaz de perceber que o sujeito age: o “julgar é a ação intelectual que decide a escolha da ação motora que põe fim ao adiamento devido ao pensamento e conduz do pensar ao agir” (Freud, 1925/2006, p. 268). Neste sentido, “a percepção nunca é passiva”. Engendramos, assim, uma discussão acerca do conhecimento. Não há como o afetivo e o intelectual serem separados, o objetivo e o subjetivo estão imbricados no ato de conhecer ou perceber.

A esse respeito, em “Uma nota sobre o ‘Bloco Mágico’” (Freud, 1925/2006), Freud busca pensar

³ Penso que a palavra deva ser “objeto externo”, tendo havido erro de tradução ou digitação nesta edição.

o esquema do aparelho psíquico em nível perceptual. Trata-se do que para nós é mais conhecido como "lousa mágica", que, em linhas gerais, possui uma folha de celofane que conserva temporariamente o desenho por meio de "marcas" de contato entre a superfície "externa" e "interna", mas que, se descolada da superfície de baixo, o apaga.

Freud nos oferece a imagem deste brinquedo para exemplificar os constructos de percepção que desenvolveu ao longo de sua obra. A partir de "Além do princípio do prazer" (1920), como já mencionado, ele afirma que a consciência surgiria no sistema perceptual em lugar dos traços permanentes, ou seja, daquilo que havia "marcado".

O "bloco mágico", se bem examinado, diz Freud, apresenta uma página de celuloide que recobre uma fina camada de papel, na qual a escrita com um lápis – mesmo sem ponta, pois é a pressão que importa – marca o desenho pelo contato das duas partes; e se repararmos bem, ao descolar a "primeira camada", verificamos que a camada de papel de baixo apresenta as marcas que lhe foram impostas.

Por que, então, a necessidade da primeira camada? Ele diz: se escrevêssemos diretamente sobre ela, ela rasgaria; não suportaria. Aparentemente, assim, a cada vez que levantamos a folha de celuloide, ela está "limpa" e protegida. "O celuloide constitui um escudo protetor contra os estímulos" (Freud, 1924, p. 257), ao que se refere em "Além do princípio do prazer", quando apresenta o sistema perceptual "Pcpt.-Cs", afirmando que o aparelho perceptual possui duas camadas, uma que protege e outra que recebe, sendo que aquela que recebe funciona como um escudo que tem por objetivo diminuir a intensidade causada pelos estímulos que ingressam.

Assim como no "bloco mágico", o sistema perceptual continua a receber estímulos e desenhos que são impressos como "novos", mas, se prestarmos atenção, "sob luz apropriada", as marcas impressas na folha debaixo ainda são legíveis, ou seja, alguns traços são conservados de forma permanente. Freud, remetendo-se ao que havia desenvolvido em "Além do princípio do prazer", acrescenta:

Minha teoria expunha que inervações da catexia são enviadas e retiradas em rápidos impulsos periódicos, de dentro, para o sistema *Pcpt.-Cs.* completamente permeável. Enquanto catexizado dessa maneira esse sistema recebe percepções (que são acompanhadas por consciência) e transmite a excitação para os sis-

temas mnêmicos inconscientes; entretanto, assim que a catexia é retirada, a consciência se extingue e o funcionamento do sistema se detém. É como se o inconsciente estendesse sensores, mediante o veículo do sistema *Pcpt.-Cs.*, orientados ao mundo externo, e rapidamente os retirasse assim que tivessem classificado as excitações dele provenientes (Freud, 1925, p. 258-259).

Assim, as interrupções no "bloco mágico", eventos de origem externa, seriam associadas à descontinuidade na corrente de inervação, e a separação entre as superfícies que ficam em contato seriam associadas à "não excitabilidade periódica do sistema perceptual" (Freud, 1925, p. 259).

Em seguida, no texto "A negativa", Freud retoma a ideia, acrescentando que o sistema perceptual, desta forma, sempre é catexizado e, diante do distúrbio de carga afetiva despertada ou não, irá classificar os estímulos externos. Com efeito, Freud apresenta como o processo de "julgar" está relacionado com os primórdios dos impulsos instintuais de satisfação e autopreservação (Freud, 1925/2006).

O que se deve sublinhar desta leitura, entretanto, é o fato de que não se poderia executar a função de julgar se a negativa não existisse: "a negativa do-tou o pensar de uma primeira medida de liberdade das consequências da repressão, e, com isso, da compulsão do princípio do prazer" (Freud, 1925, p. 269). No inconsciente, acrescenta, não existe "não".

O dito não vai sem o dizer

O objetivo deste texto, como já anunciado, não é nos dedicarmos à obra do jornalista como um todo, mas apenas para que fique mais claro, acrescentamos que Ali Kamel defende a "tese" de que não há nada institucionalizado na sociedade brasileira que barre a ascensão do negro, propondo que o racismo, aqui, não seria estrutural. O jornalista afirma que se houvesse racismo, seria dirigido ao pobre, não ao negro, construindo a sua perspectiva em via diretamente contrária às políticas de cotas baseadas em aspectos raciais.

O seu dito, no entanto, o trai, e Freud nos esclarece: é justamente pelo "não" que o inconsciente se revela, pois, o que é negado é via para que se acesse o recalcado: "Negar algo em julgamento é, no fundo, dizer: 'Isto é algo que eu preferiria reprimir'. Um

juízo negativo é o substituto intelectual da repressão; ou seu 'não' é a marca distintiva da repressão, um certificado de origem" (Freud, 1925, p. 266).

Guiados pelo princípio do prazer, expulsamos o desagradável e introjetamos aquilo que dá prazer. O desagradável é, como Freud aponta, também aquilo que não se conhece, estranho: "O processo de julgar, em última instância, se baseia na conveniência que se constrói no processo em que 'o ego integra coisas a si ou as expelle de si, de acordo com o princípio do prazer'" (Freud, 1925, p. 268).

Por este viés, autores de frases como a de Kamel – que, sabemos bem, representa uma voz um tanto quanto coletiva – estariam negando o seu racismo ou o próprio negro? O que é que se revela? O que é que se nega? A temática, talvez, seja demasiadamente densa e abrangente para que se responda neste trabalho.

Os rastros da repressão instauram-se na percepção de mundo do sujeito. Aquele que tem culpa, se justifica, se "des-culpa", e elabora uma tese que o exime da responsabilidade do feito (Freud, 1925, 2006), no caso, em linhas gerais e "forçadas", a culpa por odiar o negro, o "diferente". Destaca-se, todavia, que "o dito não vai sem o dizer" (Lacan, 1973/2003, p. 451), e por meio do seu dizer, o sujeito se revela.

O dizer de Freud infere-se da lógica que toma como fonte o dito do inconsciente. É na medida em que Freud descobriu esse dito que ele ex-siste. Restituir esse dizer é necessário, para o discurso se constituir da análise (é nisso que ajudo), a partir da experiência em que se confirma a existência dele. Esse dizer, não se pode traduzi-lo em termos de verdade, já que da verdade há apenas meio-dito, bem cortado; mas haver esse meio-dito claro (que se conjuga de trás para frente: tu me-ditas, eu maldigo (tu medites, *je medis*) só ganha sentido por esse dizer. Esse dizer não é livre, mas se produz ao tomar o lugar de outros que provêm de outros discursos (Lacan, 1973/2003, p. 453-454).

Para Lacan, ouvir estes ditos – ou não ditos – que emanam do sujeito do Real, não da realidade, articula-se com o desejo do analista. Desembaraçado de todo "querer-saber", percebemos que o analista não interpreta por ser dotado de um dom divino que permite que desvende o misterioso e "não sabido", mas por perceber que o dito se enraíza numa estrutura linguageira, e é por meio dela que efetivamente se diz.

Todo discurso se faz ouvir por meio de uma polifonia e se revela "nas diversas pautas de uma partitura" (Lacan, 1957b/1998, p. 507). Todavia, o sentido de *Não somos racistas* insiste e apenas o título eleito já parece dar conta do enunciado efetivamente dito.

Analisar a obra do jornalista pode ser tarefa interessante, mas ultrapassaria o objetivo deste texto. A reflexão e "revisitação" d'"A negativa" freudiana é, como já dito, o foco do trabalho; optamos apenas por indagar o enunciado da capa do livro por ser ilustrativo para refletir a respeito de questões que nos interpelam cotidianamente. Em nossa perspectiva, a escolha beira o cômico, e nos surpreendemos por não haver encontrado nada que faça referência a tal feito, pois é praticamente um ato falho, se somada à formatação gráfica da qual fez uso a editora.

Em imagem clara, por meio de um "preto no branco", o que se diz é "Somos racistas". É a maior evidência do título, e seria mais interessante se a intenção do autor fosse, justamente, ser irônico; mas não, ao buscar a clareza e objetividade, sua escolha foi traída pela dubiedade e traquinagem do discurso: aquilo que se ouve nem sempre é o se quer dizer. Na frase de Ali Kamel está imbuída a ideia recorrente e "confortável" – para o branco que a emite – de que o Brasil é um país mestiço, acolhedor e caloroso, onde o racismo de "cor" não existe. Neste sentido, afirmam que as políticas de ação afirmativa corroborariam para que se institucionalizassem diferenças que não existem. Amplamente difundido, este modo de pensar não leva em conta uma ilusão de perspectiva que não percebe a existência de um "racismo à brasileira, velado, não confessado e não assumido" (Munanga, 2007, p. 15).

Ora, já é tempo de percebermos que a "democracia racial" é muito mais uma falácia do que "característica nacional", sendo utilizada tão e somente para se esquivar das implicações que o contrário exigiria (Araujo, 2008).

Com efeito, a saída não está nem na defesa de uma exclusividade afrodescendente fechada, nem no extremo ingênuo – para não dizer perverso – que afirma que nossa população miscigenada e plural não pode ser taxonomizada por cores de pele, alegando que isto incentivaria um racismo não existente. Talvez seja justamente no conflito entre essas duas posições que poderíamos buscar uma compreensão mais coerente na abordagem da noção de raça no Brasil.

Não é nossa intenção aqui instaurar um debate acerca do racismo ou das políticas de ações afirmativas, mas vale dizer que a discussão acerca destas temáticas, assim como daquelas provocadas acerca das cotas nas universidades, já alcança sua parcela de vitória mínima justamente por trazer ao dito o não dito que interpela os corpos em nefasto silêncio.

Considerações Finais

O leitor pode vislumbrar a capa do livro do jornalista e notará que não é necessária muita astúcia para perceber que Ali Kamel diz com todas as letras (e cores): "Somos racistas". Verá que, assim como Freud afirma ser impossível desprezar a negativa de seu paciente que diz: "O senhor pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. Não é a minha mãe", fica muito difícil compreender o título da obra do jornalista ao pé da letra, ou como ele intencionava dizer.

Sobre a negação de seu paciente, Freud conclui que é da mãe que ele fala, mas o sujeito não suporta admitir ou refletir sobre esta associação; o que importa, na verdade, é o tema geral da associação, diz Freud. Ou seja, descartemos o "não", e reflitamos sobre o que ele construiu e os enlaces comprometedores que teceu no enunciado efetivamente dito.

Baseamo-nos, sobretudo, no texto d'"A negativa" freudiana para pensar se a possibilidade de assimilar ou expulsar o insuportável, como anteriormente discutimos, também se articula com a ideia que subjaz a escolha do título da obra de Ali Kamel. O que se expulsa, como já dito anteriormente, é aquilo que vem de fora, que não se sabe, que não se conhece; é isto, portanto, que se instaura como recalcado, delineando a nossa percepção do novo e de tudo o que vivenciamos. Não sendo possível lidar com o estranho, melhor recalcar, esconder. o reprimido, no entanto, insurge, e revela-se na negação. Na psicanálise, há muito já sabemos que quando falta um dito, algo é posto no lugar, seja sintoma, seja não dito. A "democracia racial" que vivemos, mais do que dizer o que existe no Brasil, se presta a dizer o que não existe: "não somos racistas". Mais do que uma afirmação de algo, no entanto, há uma negação que se revela defendida.

De forma velada, negando e acrescentando um "não" extremamente defensivo diante de seu enunciado, o dizer de Kamel se revela, enunciando não

apenas o autor, mas de onde ele fala e para quem. Ao buscar ser provocador, o autor foi revelador. É verdade que tantos deslizes não pertencem apenas a uma frase e a um único autor.

Por meio da negação é construída a via para que vislumbremos aquilo que é recalcado. Neste sentido, o título da obra é emblemático, e tais "deslizes" só são possíveis porque não pertencem exclusivamente ao jornalista, não é do seu inconsciente que falamos, é de algo que circula socialmente, é um não dito que ressoa no íntimo, mas se propaga no/pelo Outro. É notável, inclusive, que a própria editora sustentou o enunciado que dá "cara" ao livro e, se tanto vendeu, é porque o que se diz, ecoa. Vale dizer que o que se comprou, no entanto, foi o "Somos racistas", pois o dizer, como vimos, não se confunde com o que se fala. A negativa encobre a afirmativa, e por imagética, letra e verbo, é isto que ali está dito.

Referências

- Araujo, J. (2008). O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. *Revista Estudos Feministas*, 16(3), 979-985
- Berino, A. (2007). Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor. *Revista Brasileira de Educação* [on-line], 12(36), 533-535.
- Cléro, J. P. (2002). *Le vocabulaire de Lacan*. Paris: Ellipses.
- Freud, S. (2006). *Estudos sobre a Histeria*. (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada entre 1893 e 1895).
- Freud, S. (2006). Srta. Elisabeth von R (1895). In *Estudos sobre a Histeria*. (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1895).
- Freud, S. (2006). As neuropsicoses de defesa. In *Primeiras Publicações Psicanalíticas*. Vol. III. Rio de Janeiro: Ed. Imago. (Obra originalmente publicada em 1894).
- Freud, S. (2006). *A interpretação dos sonhos - 1*. (Vol. 4). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1900).
- Freud, S. (2006). O Homem dos Ratos - notas sobre um caso de neurose obsessiva. In *Duas histórias clínicas (O "Pequeno Hans" e o "Homem dos ratos)* (Vol. 10, 1909). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1909).

- Freud, S. (2006). O instinto e suas vicissitudes. In *A história do movimento psicanalítico, artigo sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (Vol. 14, 1914-1916). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1915).
- Freud, S. (2006). Além do princípio de prazer. In *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (Vol. 18, 1920-1922). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1920).
- Freud, S. (2006). Uma nota sobre o 'Bloco Mágico'. In *O ego e o id e outros trabalhos*. (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1924).
- Freud, S. (2006). A negativa. In *O ego e o id e outros trabalhos*. (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1925).
- Lacan, Jacques. (1998). A psicanálise e seu ensino. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 438-460. (Obra originalmente publicada em 1957[a]).
- Lacan, Jacques. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 496-533. (Obra originalmente publicada em 1957[b]).
- Lacan, Jacques. (2003). O aturdido. In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra originalmente publicada em 1973).
- Laplanche, J., & Pontalis, J. P. (2007). *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF. (Obra originalmente publicada em 1967).
- Miranda-Ribeiro, Paula. (2006). Somos racistas. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 23(2), 375-377.
- Munanga, K. (2007). Saúde e diversidade. *Saúde e Sociedade*, 16(2), 13-15.
- Nasio, J. D. (1995). *L'hystérie: l'enfant magnifique de la psychanalyse*. Paris: Petite Bibliotheque Payot.